

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

OS TRABALHADORES DOS TRANSPORTES EM LUTA

CONCENTRAÇÕES DE 4 MIL TRABALHADORES DA CARRIS LUTA VITORIOSA DOS TRABALHADORES DOS TRANSPORTES COLECTIVOS DO PORTO

OS FERROVIÁRIOS RECLAMAM MELHORES INSTALAÇÕES

A luta é a mais poderosa arma dos trabalhadores. A luta de todos os dias contra a exploração, contra a miséria, por melhores salários, por melhores condições de vida, é a única via que pode conduzir os trabalhadores à satisfação das suas necessidades, à melhoria de salários, à conquista dos seus direitos, à sua emancipação completa.

É a luta que forja a unidade, a organização, a experiência revolucionária dos trabalhadores e os torna aptos à conquista do poder.

Sete concentrações de trabalhadores da Carris de Lisboa, uma das quais mobilizou cerca de 4 mil pessoas, incluindo mulheres, testemunham a crescente combatividade do pessoal desta empresa.

No Porto, a luta dos trabalhadores dos Serviços Colectivos e a acção da sua comissão de Unidade forçaram a administração a pagar-lhes 800 contos de horas extraordinárias que lhes eram devidas pelo trabalho nocturno realizado nas oficinas. A preparação da luta do pessoal de «movimento» obteve a rápida concessão de um dia de férias por

cada dia de trabalho não pago durante os feriados.

Na continuidade da sua acção reivindicativa os ferroviários apresentaram um extenso documento ao presidente da União dos Sindicatos dos Ferroviários de Portugal, reclamando contra o estado dos dormitórios da C.P., espalhados ao longo da rede dos caminhos de ferro, «verdadeiras barracas imundas e infectadas que constituem — no dizer da exposição — um verdadeiro atentado à saúde desses humildes e valiosos trabalhadores».

As concentrações dos trabalhadores da Carris de Lisboa, a

A SUCESSÃO DE SALAZAR e o caminho para a conquista do poder

O pêndulo da política nacional bate horas fúnebres. Anuncia-se que Salazar há-de morrer. Quando? Como?

Para provar o inevitável — a morte certa — o ditador vive. E trabalha. Reune com os seus ministros. Concede entrevistas. Dirige a máquina do Estado. Disserta sobre a situação internacional. Aparece inesperadamente num camarote de um teatro. Continua doutrinando o pensamento fascista.

Entretanto quedam-se na antecâmara da sala funerária quantos se julgam com direito à sua herança. Quem são? O que querem? Por que aguardam?

INQUIETAÇÕES NUM MOMENTO CRÍTICO

Homens que têm servido o fascismo sabem que não é apenas o ditador que envelhece, mas o regime que se desconjunta, sob o impulso da luta popular e democrática, da guerra colonial, da crise económica, da agudização das contradições internas, dos desaires internacionais, do levar de um crescente descontentamento.

Uma parte considerável dos fascistas portugueses dispõe-se a permanecer fiel à orientação política de Salazar. Outros, preocupados com o agravamento da situação, buscam novas soluções, procurando ajustar a linha reaccionária às circunstâncias do momento, de modo a evitar reformas de estrutura ditadas pela

que o «AVANTE!» fez larga referência nos seus números anteriores, visam o aumento de salários no montante de 10\$00 diários.

Os tubarões ingleses recusam-se a satisfazer a justa reivindicação (continua na 5.ª pág.)

(continua na 4.ª pág.)

O governo acentua a política de ruína TRABALHADORES! INTENSIFIQUEMOS A LUTA POR AUMENTO GERAL DE SALÁRIOS CONTRA A GUERRA COLONIAL CONTRA A VIDA CARA

Volto de Angola e Moçambique o ministro do Ultramar sem o costumeado optimismo. Nos teatros da guerra morrem os nossos soldados, onde os patriotas lutam, a situação nada tem de semelhante com aquela que o ministro dos Negócios Estrangeiros de Salazar pretende apresentar nas conferências de imprensa e nas suas andanças pelo mundo. Não afirmou ele agora, em Pretória, na sua visita à África do Sul, onde se deslocou para reforçar os laços de colaboração com os racistas daquele país, que «Portugal está mais forte do que nunca»?

Reafirmando propósitos opostos e traduzindo uma situação muito mais inquietante, o ministro do Interior afirmava no acto da inauguração da nova sede da União Nacional no Porto: «Atravessamos uma época em que se levantam as maiores dificuldades à evolução político-social do regime e em que a estrutura e coesão da comunidade nacional são atacadas fortemente pela acção das forças vindas do exterior, influenciadas directa ou indirectamente pelo comunismo internacional».

Quando os governantes fascistas afirmam, com o despudor das suas atitudes, que a «Nação pôde fazer face às despesas da guerra e da segurança com o recurso das receitas ordinárias» escondem a realidade dos factos. Eles não dizem que as receitas ordinárias orçamentadas, em 1966, em 12 milhões 813 mil contos, subiram para 16 milhões 942 mil contos, para que delas pudesse sair, através de um desonesto jogo financeiro, uma boa parte das despesas extraordinárias que, sob a pressão dos gastos militares, passaram de 6 milhões 353 mil contos para 8 milhões 353 mil contos.

Os gastos com a guerra colonial e a repressão calculados em 6 milhões 745 mil contos foram acrescidos de mais 2 milhões 159 mil contos. Em 1961 os gastos com a guerra colonial foram de 2 milhões 427 mil contos.

Para subsidiar a política de guerra o imposto profissional, arrancado aos modestos salários e ordenados dos trabalhadores, empregados e intelectuais, subiu 95 mil e 200 contos, elevando-se agora a 470 mil 900 contos. Em contrapartida qual foi o aumento registado sobre o imposto de capitais, que atinge os grandes capitalistas? Passou de 371 mil e 900 contos em 1965, para 337 mil contos ou seja, apenas mais 25 mil e 100 contos!

A taxa de salvação nacional elevou-se em cerca de 200 mil contos. A de selos e estampilhas a mais de 100 mil contos. Subiu a con-

(continua na 2.ª pág.)

A AGRESSÃO AMERICANA CONTRA O VIETNAM TEM UM NOME CRIME



No Vietnam do Sul as forças americanas liquidaram 415 mil civis. Este é o cálculo feito por Hugh Campbell, canadiano membro da Comissão Internacional de Fiscalização para o Vietnam. 250 mil crianças foram mortas. Os Estados Unidos lançaram, só no mês de Fevereiro deste ano, 68 mil toneladas de bombas sobre o Vietnam do Sul.

Dia após dia ampliamos a solidariedade ao Vietnam heróico.

UM GESTO LAMENTÁVEL O PAPA CONDECOROU O DIRECTOR DA PIDE

Há gestos que não se realizam, há atitudes que se não praticam, sob pena de se transformarem em actos de compromisso ou conivência.

O Papa Paulo VI coroou a sua visita a Fátima com um gesto lamentável, condecorando, como a imprensa portuguesa noticiou, o secretário da Presidência do Conselho e o director da PIDE, o sinistro Silva Pais.

Não se diga que Paulo VI ignorava toda a projecção do seu acto. Em carta dos familiares dos presos, a ele dirigida, dava-se conhecimento de situações revoltantes de patriotas encarcerados, geradas pelo arbítrio e a violência do regime, onde Silva Pais tem uma função executora responsável.

A Junta Revolucionária da Frente Patriótica de Libertação Nacional enviou ao Papa Paulo VI um telegrama denunciando a repressão salazarista. O escritor católico francês Jean Marie Domenach, director da revista «ESPÉRANTO», escrevia na altura: «O Papa sabe que nos últimos dias a repressão dirigida contra as organizações católicas, como Pragma se agravou. O Papa sabe que há no mundo milhões de católicos que levaram ao Concílio a sério e que a propósito de Portugal e Espanha, estão firmemente decididos a nunca se tornarem merecedores dessa censura terrível: a de pertencerem a uma igreja que reclama a liberdade quando ela própria é oprimida, e que ajuda a aboli-la quando conta com os favores do poder».

Silva Pais não é uma personalidade ignorada. É o director de um selvático instrumento de torturas e de crimes: a PIDE. Foi esta que assassinou Alfredo Diniz na estrada de Bucelas, que liquidou Militão Ribeiro, numa cela da Penitenciária de Lisboa que abateu a tiro o escultor Dias Coelho,

que torturou até à morte Vieira Tomé, Ferreira Marquês, Germano Vidigal e muitos outros patriotas. Foi a PIDE que mais recentemente assassinou Maria Francisca, quando lhe assaltou a casa e prendeu os seus familiares.

Silva Pais tem as mãos tintas de sangue do general Humberto Delgado.

Em nome da causa da defesa da pessoa humana, que Paulo VI diz defender, não se louvam e condecoram assassinos, não se apoiam os mais sinistros executores da violência.

As condecorações do Papa demonstram quão inoportunas e apressadas foram as garantias dadas por duas dezenas de democratas, em documento publico no qual se afirmava que Paulo VI «não poderia nunca contribuir para reforçar o regime que tem sido sempre a negação do diálogo e impõe há quarenta longos anos, pela força, o silêncio a toda a Nação».

Um erro político lamentável, que um gesto lamentável do Papa põe a nu!

A PIDE a toque de... «Badalo»

Com a saída, em 5 de Maio, do novo número do jornal o «Badalo», das «repúblicas» dos estudantes de Coimbra, a PIDE entrou em grande histerismo nesta cidade.

Espalhados pelas ruas, os agentes apreendiam aquele jornal aos estudantes que o vendiam abertamente, identificavam-nos e intimavam-nos a ir à sede da PIDE na 2.ª feira seguinte. Mas quando foram às «repúblicas» em busca de «Badalos», os estudantes acolheram-nos com grande mofo interrogaram-nos e exigiram-lhes os cartões de identidade...

Na Praça da República, grande número de estudantes junto se aos seus colegas que agitavam o «Badalo». Os PIDES aproximavam-se, mas os vendedores fugiam. E a PIDE assim corria... a toque de «Badalo».

CARLOS ABOIM INGLÉS FOI LIBERTADO

Continua a política de ódio e de violências dezenas de patriotas presos e selvaticamente torturados

CARLOS ABOIM INGLÉS foi libertado. O homem válido, detido há 9 anos encontra-se gravemente enfermo. É um caso evidente dos resultados do regime prisional fascista, da aplicação das «medidas de segurança», dos processos de morte lenta, como foram os casos de Luiza Paula, Georgete Ferreira, José Rollim, Maria Luiza Costa Dias, Maria da Piedade, como são os casos de Blanqui Teixeira, Sofia Ferreira, Albina Fernandes, Natália David, Olivia Sobral, Afonso Gregório, José Cérios, Agostinho Saboga, Augusto Lindolfo, presos há longos anos, a saúde lesada por inquietantes enfermidades, sem que os governantes fascistas os devolvam à liberdade, embora quase todos tenham terminado as suas penas.

Na fortaleza de Peniche, onde se encontram alguns dos melhores filhos do povo português, acentua-se o ambiente de provocações e de terror, sucedem-se os castigos impostos pelo chefe dos guardas, Vitor Ramos, sancionadas e fomentadas pelo director, o famoso capitão MANUEL FALCÃO, postos em prática por guardas adestrados na provocação e no terror, como Poupe, Rosa, Cunha e Pereira. No Algarve, Alentejo, Margem Sul do Tejo e Lisboa campeia a acção policial. Têm sido presos dezenas de patriotas. Entre eles figuram Diniz, Miranda, Aida Paula, Graciete Casanova, Manuel Gon-

çalves e sua mulher, e Maria Helena Noales. Os carrascos da PIDE empenham-se na prática das maiores violências. Submetem-nos a espancamentos, à tortura o estúpe e do sono, como o evidencia o estado de GRACIETE CASANOVA, insultada, espancada e impedida de dormir durante 12 dias. A vida destes patriotas corre perigo.

Continua a política de violências e de crimes contra os mais decididos combatentes pela Democracia. Continua a política de ódio praticada nos cárceres, nas empresas, nas cidades e nos campos, através de forma concreta nos numerosos

auto-stops, nas ruas e em cafés, tabernas, restaurantes e hotéis, na violência com que actua os agentes da repressão em plena via pública, abatendo a tiro quem se opõe aos seus desmandos. Ante a gravidade da situação é necessário mobilizar dia a dia mais forças de combate, mais homens e mulheres que no país inteiro e além fronteiras ergam a sua voz contra a política de ódios e violências praticada nos cárceres, nas sedes da PIDE, por toda a parte.

Reforçemos as acções de solidariedade aos presos políticos!

«Rumo à Vitória» em russo

A caba de ser editado na União Soviética o relatório do camarada Álvaro Cunhal, RUMO À VITÓRIA, apresentado à reunião de Abril de 1964 do Comité Central.

A tiragem inicial foi de 51.000 exemplares.

A SUCESSÃO DE SALAZAR e o caminho para a conquista do poder

(continuação da 1.ª pág.)

acção das massas populares e por uma política verdadeiramente democrática. Estes são hoje por singular ironia designados por «fascistas de esquerda». Ante as dificuldades crescentes do regime eles manobram, em estreita ligação com certos grupos monopolistas, acenando com promessas de «liberalização do regime» e colocando na ordem do dia a sucessão de Salazar, como objectivo politico de concretização imediata, a que é fugim com direito de primazia. No acesso à herança do ditador, atraí-

dos pela miragem, vamos perfilarmos, para além do friso de figuras conhecidas, certos elementos da oposição que, acatados pela incerteza do momento, pretendem partilhar com os directos herdeiros de Salazar, os benefícios do poder.

Uma preocupação comum se evidencia entre os que se candidatam à sucessão: não deixar que a classe operária e as massas populares tenham acesso ao poder, não consentir na realização de uma política verdadeiramente democrática que ponha fim ao domínio dos monopólios e ao imperialismo estrangeiro.

O significado político da «moderação» e do «possível»

Em certos sectores democráticos, a expectativa da sucessão levou a substituir a actividade organizada e combativa contra o ditador, por posições de «moderação» e do «possível».

Não se exprimem estes pontos de vista numa carta ao presidente da República, na qual se propõe a criação de um governo de transição e de união nacional com a participação das forças armadas, sob a directa responsabilidade do almirante Tomaz e com usufruto pleno da actual constituição fascista?

Mais recentemente, numa carta dirigida ao chefe do Exército em Março, pediam-se a melhor solução de ideias políticas para defender-se a criação de uma Junta Militar que sucederia ao governo de Salazar assegurando «A FIDELIDADE À MANUTENÇÃO DA ORDEM PÚBLICA» e «A CONSTITUIÇÃO DE UM GOVERNO

PROVISÓRIO que autorizaria «A EXISTÊNCIA DE PARTIDOS POLÍTICOS» (democráticos? — perguntamos nós) e OBSERVARIA OS COMPROMISSOS INTERNACIONAIS «DE ACORDO COM OS INTERESSES DO MUNDO DEMOCRÁTICO E OCCIDENTAL».

Assinala estas mesmas posições de «moderação» e do «possível» um documento dirigido ao presidente da Assembleia Nacional, no decurso do ano corrente, no qual se requer, a publicação de uma LEI DE IMPRENSA que deixe aos tribunais fascistas e às «entidades competentes» (quais serão elas?) o direito de julgarem os infractores e de procederem à apreensão de livros, renunciando-se deste modo à justa reclamação da LIBERDADE DE IMPRENSA E DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA pela qual vêm lutando conseqüentemente os intelectuais portugueses.

O caminho para a conquista do poder

Em volta da sucessão de Salazar precisamos de uma nova táctica politica. Em que consiste essa táctica? Em não assustar os presumíveis herdeiros do poder, sejam eles «fascistas de esquerda» ou generais que se candidatam à anunciada Junta Militar. Em renunciar à unidade com as outras forças democráticas, para reforçar os laços de nova aliança. Em repudiar os meios ilegais e semi-ilegais de luta, a participação das massas trabalhadoras na batalha politica e no derrubamento da ditadura. Em praticar uma politica de anti-comunismo, de divisão, em afastar-se cada vez mais nos processos revolucionários para conduzir a acção no terreno que é consentido pelos governantes fascistas. Em preconizar programas de governo que deixem de pé a velha estrutura capitalista da sociedade e se não identifiquem com as reformas democráticas de que o país carece.

O esquema táctico que preside aos planos de sucessão de Salazar é um esquema de capitulação e de renúncia à luta frontal contra o fascismo.

O caminho que leva à conquista do poder não é o caminho da conciliação

com os «dissidentes» do regime, a tiro de um prato de lentilhas.

O caminho que leva à conquista do poder é o caminho da luta popular organizada, em torno das reivindicações fundamentais, em torno das lutas económicas e políticas. É o caminho da mobilização activa da classe operária, dos camponeses, da pequena burguesia urbana, dos intelectuais, da juventude e das mulheres, uma frente comum de luta, que se reforça e amplia até à insurreição armada.

O caminho que leva à conquista do poder é o caminho da unidade combativa das forças democráticas que não receiam os métodos revolucionários e a acção decisiva do povo.

É a luta da classe operária e das massas populares que porá na ordem do dia a sucessão de Salazar, que determinará o fim do seu governo.

É a acção unida dos democratas, é o nível da sua organização e da sua combatividade que poderão decidir o dia e a hora em que o ditador há-de deixar o poder antes mesmo da sua morte, antes mesmo de ter nomeado os sucessores.

Solidariedade internacional AO POVO PORTUGUÊS

Em MOSCOVO e KIEV tiveram lugar dois comícios de pioneiros soviéticos durante os quais vários oradores descreveram a situação de terror reinante em Portugal, fizeram alusão à ameaça de deportação dos presos políticos para o campo da morte lenta do TARRAFAL, citaram os casos concretos de AGOSTINHO SABOGA, SOFIA FERREIRA, ALBINA FERNANDES e outros democratas, docentes e igualmente presos.

Os pioneiros soviéticos escutaram atentamente a intervenção alusiva a JOSÉ BERNARDINO, à sua luta em defesa de juventude e às perseguições de que é vítima, incluindo a detenção ilegal nas prisões fascistas. Os pioneiros enviaram um telegrama de protesto a Salazar.

No comício de Moscovo foi entregue a uma delegação portuguesa um laço de fitas vermelhas com a seguinte inscrição: «À HEROÍNA IMORTAL DO POVO PORTUGUÊS, CATARINA EUFÉMIA — DOS PROFESSORES DA CIDADE DE MOSCOVO».

JOE NORDMAN, secretário geral da ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS JURISTAS DEMOCRATAS, enviou uma carta ao ministro da Justiça, reclamando a libertação de CARLOS ABOIM INGLÉS, denunciando os perigos que pendiam sobre ele e desmascarando, mais uma vez, as «medidas de segurança», condenadas pela opinião pública internacional.

Os estudantes da UNIVERSIDADE DE BERLIM da REPUBLICA DEMOCRATICA ALEMA enviaram um abaixo assinado ao ministro de Justiça, exigindo a libertação de JOSÉ BERNARDINO. No espaço de 3 horas subscreveram o documento 800 estudantes.

O «Avante!» não se destrói

Envia-se pelo correio a um amigo, entrega-se a um companheiro de confiança, deixa-se num local onde possa ser encontrado por operários.